

## RESUMOS DOS TRABALHOS / PAPER ABSTRACTS

### SIMPÓSIOS / SYMPOSIUMS

#### Simpósio 1 / Symposium 1

##### **A qualidade no método clínico frente a determinadas modalidades de sofrimento psíquico (*The quality in the clinical method before certain modalities of psychic suffering*)**

COORDENAÇÃO

Maria Helena Fernandes (Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, SP, Brasil)

PARTICIPAÇÃO

A qualidade do método clínico frente aos desafios colocados pelo autismo (*The quality of the clinical method before the challenges posed by the autism*)

Silvana Rabello (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e AUPPF, São Paulo, SP, Brasil)

RESUMO

O autismo vem revelando, nos últimos tempos, equívocos determinados pelo trabalho diagnóstico ou terapêutico, quando a clínica não é soberana; quando os textos científicos, as pré-concepções manifestas através da psicologização e pela medicalização do autismo falam mais alto do que a observação cuidadosa de suas manifestações clínicas enigmáticas; quando as certezas pré determinadas se impõem às dúvidas inevitáveis de um encontro humano tão singular. Esta apresentação pretende desenvolver essa discussão e discutir alguns dos achados clínicos mais recentes.

Um ninho para o segredo: questões sobre o manejo transferencial na anorexia e na bulimia (*A nest for the secret: issues about handling transference in anorexia and bulimia*)

Maria Helena Fernandes (Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, SP, Brasil)

RESUMO

Nesta apresentação pretendo retomar dois aspectos reconhecidamente presentes na clínica da anorexia e da bulimia, a dificuldade de percepção das sensações corporais e a dificuldade de diferenciação da figura materna, para refletir a respeito das vicissitudes do enquadre analítico diante dessas patologias. O objetivo é colocar em evidência a especificidade da metodologia psicanalítica diante de modalidades de sofrimento que, muitas vezes, apresentam a particularidade da urgência e a necessidade da intervenção conjunta com outros profissionais. Isso solicita uma reflexão que deve passar necessariamente pelas questões referentes ao manejo transferencial desses casos.

Impasses para mudança psíquica e suas implicações (*Deadlocks for the psychic change and its implications*)

Eliane Michelini Marraccini (Instituto Sedes Sapientiae e AUPPF, São Paulo, SP, Brasil)

RESUMO

Esta comunicação visa discutir atendimento clínico em que o trabalho analítico enfrenta sérias resistências à mudança psíquica, pela ação antagônica da pulsão de morte e demais intercorrências. Apesar de aparente colaboração ao tratamento, o paciente é de difícil acesso e apresenta profunda dificuldade em avançar em relação à fantasia idealizada de si e sua união primitiva com o objeto. Em função de sua organização narcísica, frágil estruturação egóica e sob a ação da inveja primária, torna-se intolerável a potência criativa do analista e o valor nutriente do vínculo analítico. Emerge renovada cobrança de uma dívida originária da qual se sente credor,

promovendo atuações na transferência. Deste modo, o impasse psíquico vivido pelo paciente promove restrições, regressões e paralisações na relação analítica, interferindo no alcance e qualidade do trabalho clínico.

Construções em análise diante da precariedade do trabalho psíquico (*Constructions in analysis before the precariousness of the psychic work*)

Marta Rezende Cardoso (Universidade Federal do Rio de Janeiro e AUPPF, Rio de Janeiro, RJ, Brasil)

#### RESUMO

Nesta comunicação, será discutida a relação entre interpretação e construção com o objetivo de examinar a singularidade da técnica em determinadas situações clínicas, em particular naquelas onde há problemas quanto à qualidade da constituição e do funcionamento narcísicos. Trata-se de refletir sobre a questão do método clínico quando confrontado com patologias de base traumática em que os recursos do trabalho psíquico se revelam elementares. A noção de construção foi proposta por Freud ao final de sua obra sem, no entanto, desenvolvê-la, proposta para a qual se volta o presente trabalho.

### **Simpósio 2 / Symposium 2**

#### **Gêmeos: destinos cruzados (*Twins: crisscrossed fates*)**

##### COORDENAÇÃO

Adela Judith Stoppel de Gueller (COGEAE – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e AUPPF, São Paulo, SP, Brasil)

##### PARTICIPAÇÃO

O que os gêmeos nos ensinam sobre o ódio e o amor (*What twins teach us about hatred and love*)

Adela Judith Stoppel de Gueller (COGEAE – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e AUPPF, São Paulo, SP, Brasil)

#### RESUMO

A intimidade que os gêmeos experimentam desde o início da vida produz um tipo de ligação muito particular entre os irmãos que nos interroga sobre o erotismo, o amor e o ódio. Desde a criação de uma língua própria, a criptofasia, até a frequência com a qual dividem a cama, tendo um ao outro como *partenaire* na iniciação sexual, os gêmeos parecem realizar os nossos sonhos imaginários de uma perfeita relação complementar. “Quando se conhece a intimidade do casal gemelar, toda a outra intimidade parece incompleta, decepcionante”. Quem melhor que os gêmeos podem ajudar-nos a pensar sobre por que “o amor faz de dois um”? Mas o ódio também sobrevém quando eles tentam separar-se: “Ninguém sofre como eu. Não com uma irmã. Com um marido sim. Com um filho sim. Mas essa minha irmã, uma escura sombra que me rouba a luz do sol, é meu único tormento”. A partir da clínica e da literatura trabalharemos sobre essas instigantes questões que as relações gêmeares colocam.

Gêmeos, os impasses constitutivos das relações fraternas desde Caim e Abel

(*Twins, the constitutive deadlocks of the fraternal relations since Cain and Abel*)

Silvana Rabello (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e AUPPF, São Paulo, SP, Brasil)

#### RESUMO

A partir da clínica com crianças que traziam alguma queixa de seus irmãos gêmeos, será comunicada uma reflexão acerca dessas experiências clínicas e da revisão literária que tem início no Antigo Testamento, com a história de Caim e Abel, retomada por vários autores como Derrida, que afirma entre os impasses colocados por essa relação, a passagem necessária de um estado de natureza à humanização daquilo que entendemos como inveja, competição, ciúmes e desejo de destruição. A ideia de Ciúme Primordial oferecida por Jacques Lacan também será utilizada nessa reflexão.

A fantasia dos destinos intercambiáveis e a complementaridade na relação entre irmãos (*The fantasy of the exchangeable fates and the complementariness in the relation between siblings*)

Julietta Jerusalinsky (COGEAE – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil)

#### RESUMO

As afirmações “quase foi comigo!” ou “podia ter sido comigo!” quando se trata de um fato relativo a um irmão, é bastante presente na clínica, assim como argumento recorrente na ficção – desde a mitologia, passando por clássicos da literatura e chegando até os mais populares argumentos novelescos – revelando a relevância da fantasia de destinos cruzados ou intercambiáveis pela qual o sujeito considera-se poupado de um acontecimento nefasto ou roubado de um golpe de sorte do destino e passa assim a tecer a série simbólica de sua vida a partir de um fato que, se bem não tenha sido com ele, lhe diz respeito no âmago do seu ser. A ilusão de complementaridade, tantas vezes posta em relevo na relação entre gemelares, não é exclusiva desse modo de irmandade, mas é certo que a direção da cura desses pacientes passa por operações de separação desse que é tomado pelo sujeito em uma colagem imaginária de si e na condição de um par primordial.

Gêmeos: quando as fronteiras se desenham no esgarçamento (*Twins: when the borders are outlined in fraying*)

Ada Morgenstern (COGEAE – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil)

#### RESUMO

A construção da singularidade é uma árdua tarefa imposta ao bebê humano. Nesse percurso se faz necessária a criação de uma imagem unificada de si: um caminho em direção à possibilidade de se diferenciar de seus semelhantes. Em alguns casos, essa imagem não se constrói com fronteiras delimitadas, o que irá determinar dificuldades ou impedimentos na constituição da subjetividade. Como isso se processa no caso de bebês múltiplos? Como demarcar fronteiras diante de um outro idêntico – um “outro -espelho”? Sou eu ou somos nós? A proposta é refletir sobre um caso clínico onde se entrecruzam elementos da gemelaridade com a reprodução assistida e, apoiado no conceito de “limite” proposto por A. Green, pensar a questão das “fronteiras” e suas “bordas”.

### Simpósio 3 / Symposium 3

**O método psicanalítico: o bem-dizer como pressuposto do bem-fazer (*The psychoanalytical method: well-saying as an assumption of the well-doing*)**

#### COORDENAÇÃO

Rosane de Abreu e Silva (Escola de Estudos Psicanalíticos e AUPPF, Porto Alegre, RS, Brasil)

#### PARTICIPAÇÃO

A teoria, a práxis e a técnica psicanalítica: quem pensa aí? “Ethos Anthropon Daimon” (*Theory, praxis, and psychoanalytical technique: who thinks there? “Ethos Anthropon Daimon”*)

Mario Fleig (Escola de Estudos Psicanalíticos, Porto Alegre, RS, Brasil)

#### RESUMO

O encontro entre saberes e práticas suscita interrogações a respeito da especificidade de cada disciplina. A prática psicanalítica seria uma prática psicológica ou mais se assemelharia a um exercício espiritual? Qual o conceito ou matriz conceitual que funda a invenção de Freud? Lacan teria introduzido algo de novo na prática freudiana? O que significa afirmar que a clínica psicanalítica é ética e não ôntica? Isso poderia nos levar a pensar que se trata de uma práxis, de um agir que implica o próprio agente, um fazer relativo a si mesmo. Em todo caso, emerge imediatamente a interrogação a respeito da busca do bem, bem ou mal-feito. Haveria um bom alvo,

um bem supremo, a ser alcançado? O que visa uma análise? Responder a isso permitiria esboçar o método que lhe corresponderia. Qual seria o bem que visa a condução de uma análise? Parece-nos que o encaminhamento dessas interrogações abriria a diferenciação e os cruzamentos possíveis entre o saber universitário e o saber psicanalítico, assim como os diferentes giros e posições discursivas. Afinal, o que é isso que Freud inventou, o inconsciente? Isso pensa?

O impreciso e o obscuro em um sonho (*The imprecise and the obscure in a dream*)  
Conceição de Fátima Beltrão Fleig (Escola de Estudos Psicanalíticos, Porto Alegre, RS, Brasil)

#### RESUMO

Em nenhum momento de seus seminários Lacan deixa de seguir o fio de *A interpretação dos sonhos*, de Freud, ou como prefere traduzir, *A ciência dos sonhos*. No primeiro de seus seminários públicos, *Os escritos técnicos de Freud*, já na primeira lição, envereda pelo caminho dos sonhos examinando a escolha de Freud por um terreno não cultivado da razão. E, no seminário *Momento de concluir*, que precede o final de seu ensino, restando apenas poucas lições do seminário final denominado *A topologia e o tempo, conclui indagando sobre o que consiste o sonhar*. Os sonhos trabalhados ao longo dos 26 seminários seguem o pressuposto do método como ato psicanalítico e dentre eles um em especial resume-se a palavra “canal”. No relato do sonho para Freud, a analisante recorda apenas esta palavra, que articula a resistência e a consistência do psicanalista. Como podemos formular o que seja a ética da psicanálise e a leitura de um caso a partir da palavra não dita, do obscuro e do impreciso no relato de um sonho?

O pior de tudo foi o risco (*The worst of everything was the risk*)  
Nair Macena de Oliveira (Escola de Estudos Psicanalíticos, Porto Alegre, RS, Brasil)

#### RESUMO

Sigmund Freud postulou a existência do inconsciente e suas formações, que se manifestam na linguagem pela via do deslocamento e condensação. Jacques Lacan, com o recurso da linguística: metáfora e metonímia, assim como a distinção entre significado e significante, formulou que o Inconsciente é estruturado como uma linguagem. Em seu célebre artigo: *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, refere: “é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente”, “penso onde não sou, logo sou onde não penso”. Em nosso ofício, portanto, guiamo-nos por uma ética em que a fundamentação é ouvir a particularidade de cada caso, no detalhe, naquilo que o analista pode tomar somente enquanto posição de desconhecimento, e não por uma antecipação de saber que daria um sentido, produzindo um fechamento à análise. Por meio de um recorte clínico, trabalho a hipótese do traço do caso haver se anunciado em um significante como um fenômeno marginal na fala do analisante.

O traço do caso na clínica psicanalítica: o analista em questão (*The trace of the case in the psychoanalytical clinic: the analyst at issue*)

Rosane de Abreu e Silva (Escola de Estudos Psicanalíticos e AUPPF, Porto Alegre, RS, Brasil)

#### RESUMO

A clínica psicanalítica instiga o analista a se interrogar, sobretudo, no que concerne a sustentação da ética da psicanálise. O próprio fazer analítico impõe uma questão intrínseca que é aquela de sua ética. Ética que é mediada por um saber, da ordem do inconsciente, calcada no bem-dizer, como expressa Lacan. O bem-fazer na clínica presuppõe, desta forma, o bem-dizer. O desejo do analista será o suporte desta ética, na disponibilidade para ouvir além do dito e, de se manter na regra da abstinência, para que o desejo do analisante possa emergir. Porém, neste fazer analítico, o analista pode experimentar momentos de impasse que tocam seu desejo de analista. Tais impasses podem constituir o que chamaremos de traço do caso. O presente

trabalho pretende abordar este tema, exemplificando-o com a apresentação da resenha de um caso clínico, no qual o traço do analista e do analisante se encontram.

#### **Simpósio 4 / Symposium 4**

##### **A clínica do corpo ou o corpo na clínica psicanalítica? (*The clinic of the body or the body in the psychoanalytical clinic?*)**

COORDENAÇÃO

Junia de Vilhena (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e AUPPF, Rio de Janeiro, RJ, Brasil)

PARTICIPAÇÃO

O trauma do diagnóstico de aids em mulheres: a vergonha na perda do corpo erógeno (*The trauma of AIDS diagnosis in women: the same in losing the erogenous body*)

Ana Cleide Guedes Moreira (Universidade Federal do Pará e AUPPF, Belém, PA, Brasil)

RESUMO

Síndrome mortífera, o sofrimento psíquico ao receber um diagnóstico de aids resulta de um conjunto de traumas sucessivos atingindo o imaginário eu corporal, resultando na perda do corpo erógeno e, da sexualidade. A inibição sexual das mulheres vivendo com aids está bem descrita na literatura multidisciplinar e, nossa pesquisa indica que o sentimento de vergonha, muito primitivo no desenvolvimento do eu, anterior mesmo ao sentimento de culpa, que também comparece nesta clínica, é a via preferencial para a formulação de hipóteses interpretativas no processo psicoterápico ou psicanalítico. A psicanálise, cuja eficácia é maior em psicopatologias traumáticas, pode contribuir para a clínica da aids, campo de pesquisa deste trabalho.

O trauma em nossos dias (*The trauma in our days*)

Ana Maria Rudge (Universidade Veiga de Almeida e AUPPF, Rio de Janeiro, RJ, Brasil)

RESUMO

Um histórico do papel do trauma e do quadro clínico da neurose traumática na psicanálise é apresentado. Sem que se pense que existem sintomas e estruturas clínicas inteiramente inéditos, criados pelas novas condições da contemporaneidade, e que tornariam a psicanálise datada e não mais relevante, não há como duvidar que os acontecimentos de cada época concorrem para a determinação dos quadros psicopatológicos. O próprio histórico proposto já nos revelará como os horrores da Primeira Guerra Mundial ocasionaram uma leva de neuroses traumáticas de guerra, com sintomas bem diversos dos que vinham caracterizando a maioria das neuroses até então, o que veio a impor grandes reformulações à teoria psicanalítica. As relações entre a neurose traumática e a melancolia são discutidas, assim como os trabalhos interdisciplinares sobre o trauma. Argumenta-se que o valor ético do testemunho sobre barbáries, ressaltado por historiadores e pensadores da área da literatura, e o tratamento psicanalítico dos sintomas traumáticos através da fala e da simbolização no campo da psicanálise, não são caminhos equivalentes, e devem ser distinguidos com clareza.

O corpo como tela... a lâmina como pincel (*The body as the canvas... the blade as the paintbrush*)

Junia de Vilhena (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e AUPPF, Rio de Janeiro, RJ, Brasil)

RESUMO

Definida, como todo ato que envolve a intenção de um indivíduo danificar ou destruir, por vontade própria, uma parte do tecido do corpo, sem ter a intenção de cometer o suicídio, o cutting, self-injury ou automutilação vem se mostrando um fenômeno cada vez mais frequente. A literatura psicanalítica aponta para uma diminuição da tensão interna uma vez que exterioriza e autentica uma dor interior, antes não palpável e invisível. Através da dor física, a dor psíquica é liberada. Utilizando fragmentos de um caso clínico discute-se o lugar do analista como aquele capaz de ajudar na construção de uma narrativa, uma vez que é no corpo que essas mensagens se

guardariam, se esconderiam como enigmas a espera de um outro que possa compreendê-los e desvelá-los. Apoiada em Roussillon e em Berlinck enfatizamos que tais atos só se tornam uma forma de comunicação se o ambiente os recebe e os reconhece como tal, dando sustância a eles em sua resposta.

Da falta ao excesso: um olhar sobre a obesidade infantil em camadas populares (*From the lack to the excess: a look on the child obesity in lower class*)

Joana de Vilhena Novaes (Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, RJ, Brasil)

#### RESUMO

A importância dos primeiros cuidados e a relação mãe/bebê/comida é abordada a partir das vivências anteriores de privação e fome do casal parental. A dupla função da alimentação – de ser uma função biológica indispensável à manutenção da vida, ao mesmo tempo em que se constitui como uma via privilegiada para o estabelecimento do laço pulsional entre o bebê e seus objetos primordiais é analisada face ao "tabu da fome" termo cunhado por Josué de Castro. Busca-se, assim, analisar o estatuto da obesidade infantil e sua articulação com a função materna em sua dimensão de excesso. A oferta compulsiva de alimentos repete, com grande frequência e desespero, a tentativa do casal de lidar com o trauma da fome. Marcadas por carências reais e subjetivas, violências concretas e simbólicas, mas também pela insistência em seus vínculos com a vida em toda a sua dureza, muitas das mães veem na oferta excessiva de comida uma forma de lidar com suas próprias carências vividas no primórdio de suas vidas.

### Simpósio 5 / Symposium 5

#### **A histeria antes, durante e depois de Freud e o ser (*Hysteria before, during and after Freud, and the being*)**

##### COORDENAÇÃO

Adela Judith Stoppel de Gueller (COGEAE – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e AUPPF, São Paulo, SP, Brasil)

##### PARTICIPAÇÃO

Histeria na infância no século XX e no século XXI (*Hysteria in the childhood in the XX and XXI centuries*)

Adela Judith Stoppel de Gueller (COGEAE – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e AUPPF, São Paulo, SP, Brasil)

##### RESUMO:

A partir do DSM IV a histeria desaparece como quadro psicopatológico, mas antes disso na própria psicanálise deixou de falar de histerias na infância. Em 1888, Freud afirmava serem frequentes as histerias entre as crianças de 6 a 10 anos sendo que elas apresentavam os mesmos sintomas que os adultos: alteração psíquica, espasmos, ataques e contraturas. Lacan foi o primeiro a extrair a predominância da conversão histérica para pôr em seu lugar a identificação com o sintoma do outro. Essa identificação é a que dá a histeria a aparência de imitação ou contágio. Trabalharemos a partir de um caso de histeria de uma menina de 8 anos que sofria ataques havia cerca de um ano e meio, apresentado por Moshé Wulff, em 1912, e o cotejaremos com o contágio histérico acontecido na cidade de Bertiooga, S.P., em 2014, quando meninas de 12 e 13 anos perderam a sensibilidade nas pernas, após receber a segunda dose da vacina HPV (que previne o câncer de colo de útero) sendo diagnosticadas com a síndrome de estresse pós-injeção.

Freud e a questão histérica na história de Christoph Haizmann (*Freud and the hysterical issue in the history of Christoph Haizmann*)

Sonia Leite (Centro Psiquiátrico RJ- SES/Universidade do Estado do RJ e AUPPF, Rio de Janeiro, RJ, Brasil)

##### RESUMO:

O trabalho visa, inicialmente, delinear algumas referências históricas sobre o tema da histeria, especialmente, em sua perspectiva demológica e as "teorias" que articulam a ideia do demônio às "doenças da alma". A seguir resgata-se o artigo freudiano "uma neurose demoníaca do século xvii", de 1923, quando Freud a partir

de seu interesse pela feitiçaria, possessões e fenómenos afins, dedica-se ao estudo do caso do pintor christoph haizmann, que acossado por convulsões e alucinações assustadoras, faz um pacto com o diabo. No referido trabalho, freud estabelece as relações entre a figura do demonio e a figura paterna destacando uma questão fundamental para o estudo da histeria que servirá para as posteriores elaborações de lacan sobre o tema.

O corpo entre sintoma e cultura (*The body between symptom and culture*)  
Cristina Lindenmeyer (Université Paris 7 e AUPPF, Diderot, França)

RESUMO:

Subvertendo a ideia de um corpo que seria somente orgânico, Freud não vai somente estabelecer uma ligação entre corpo e sexualidade; ele vai mais além afirmando que é a partir do corpo que o psiquismo nasce. Nós assistimos, então, ao aparecimento da psicanálise e da ideia de que na anatomia corporal vem se justapor a uma vida fantasmática intensa. Como é pelo corpo que se realizará a ancoragem pulsional e a partir de então se desenharão seus destinos, o corpo ocupa uma posição essencial na vida do psiquismo do sujeito, seja ele psicótico, neurótico ou perverso. A visão da anatomia do corpo passa a ser uma cena que recobre outra. Daí viria sua capacidade de se transformar em um "Teatro" e colocar em cena os conflitos inconscientes mais variados. Se na época de Freud o corpo da histérica, através de suas crises espetaculares possibilitava o acesso aos destinos da sexualidade em sintonia com a organização social vigente, cabe perguntar em que, na atualidade, as histéricas convertem os seus corpos?

Medea: autonomía, exilio y tragedia. De-construyendo la histeria (*Medea: autonomy, exile, and tragedy. Deconstructing hysteria*)

Maria Lucrecia Rovaletti (Universidad de Buenos Aires e AUPPF, Buenos Aires, Argentina)

RESUMO:

Ha sido un tópico común, asociar la *histeria* a los avatares de la condición femenina, a la que grandes autores miran con condescendencia, incluso con un toque de ironía. A lo largo de las épocas, esta situación ha dado lugar a injusticias, humillaciones y hasta mutilaciones. Aun cuando la desigualdad se ha vuelto menos violenta, persiste hoy en nuestra cultura. Por eso, la mujer histérica plantea un mensaje ético y es una de las tareas del siglo XXI escuchar estos planteos y hacer insostenible la desigualdad entre los sexos (Jonckheere).

Se hace necesario entonces un trabajo de de-construcción sobre su pretendido origen. Si es verdad que la histeria confluye en la sexualidad y su cuerpo, no es allí donde hay que buscar su fundamento, sino desexualizando, des-feminizando la histeria (Charbonneau). Habrá que pensar tal vez, que detrás de la demanda histérica, de esta "situación" antropológica, hay por el contrario una carencia y falencias de espacios para su realización.

Ahora bien mas que los psiquiatras, son los grandes escritores los que pueden iluminar estos aspectos fundamentales a través de ciertos personajes. Quisiera por ello rehabilitar a Medea, una de las trágicas heroínas griegas.